

ENSAIO

**ALBERTO RIBEIRO LAMEGO: GEÓLOGO, JORNALISTA, FOLKMÍDIA E
HISTORIADOR DAS RAÍZES CULTURAIS**

**ALBERTO RIBEIRO LAMEGO: GEÓLOGO, PERIODISTA, COMUNICADOR
POPULAR Y HISTORIADOR DE LAS RAÍCES CULTURALES**

**ALBERTO RIBEIRO LAMEGO: GEOLOGIST, JOURNALIST, FOLK MEDIA AND
HISTORIAN OF CULTURAL ROOTS**

Orávio de Campos Soares¹

*Ai vem a Mana-Chica
Mana-Chica do Caboio
Quem nunca comeu pimenta
Não sabe que coisa é mônio*

RESUMO:

Este trabalho tem por objetivo principal situar o engenheiro e geólogo Alberto Ribeiro Lamego (1896-1985), um dos principais intelectuais da cidade de Campos dos Goytacazes, como um escritor multimídia, especialista em tantas outras áreas de saber, como jornalismo literário, historiador, folkcomunicação, sociólogo e, sobretudo, um exímio pesquisador das nossas raízes culturais. Lamego foi autor de 22 obras sobre a geologia do Estado do Rio de Janeiro, sendo mais importantes as que integram os quatro livros da série “O Homem e o Meio Ambiente” (premiados por esferas superiores deste campo de conhecimento). O estudo tem/teve como base seus escritos no livro “A Planície do Solar e da Senzala”, uma verdadeira história de amor à terra em que nasceu, no qual descreve a geognose da Baixada, que um dia já foi mar, e enaltece as figuras socioculturais dos *muxuangs* e *mocorongos* e de outros tipos relevantes da Baixada. Usando como cenário a

¹ Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor do curso de Jornalismo, Letras e Pedagogia do UNIFLU. Pesquisador do NIPEC (UNIFLU/CNPq). E-mail: oravio@bol.com.br

residência da família – o Solar dos Airises -, ora em estado de “quase” ruína, Lamego, com uma linguagem própria dos beletristas, lembra a criação das culturas populares na segunda metade do século XVIII, com destaque para a Mana-Chica do Caboio, bem como exalta e se posiciona, politicamente, no texto “A Planície Torturada”. Oliveira Viana, autor do prefácio da primeira edição do livro, em 1934, também situa/situava Lamego no vasto campo ligando o homem à natureza, fazendo-o com destreza e colocando as humanidades como prioridade para suas abordagens; e o iguala ao também fluminense Euclides da Cunha, autor de “Os Sertões”, no qual reporta a tragédia de Canudos.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Literário. História. Folkcomunicação. Cultura Popular.

RESUMEN:

Este trabajo tiene como objetivo situar al ingeniero y geólogo Alberto Ribeiro Lamego, uno de los principales intelectuales de la ciudad de Campos dos Goytacazes, como escritor multimedia, especialista en tantas otras áreas del conocimiento, como el periodismo literario, historiador, comunicador popular, sociológico y, sobre todo, excelente investigador de nuestras raíces culturales. Lamego fue autor de 22 obras sobre la geología del estado de Rio de Janeiro, de las cuales las más importantes son los cuatro libros de la serie "O Homem e o Meio Ambiente", premiada por las esferas superiores de este campo del saber. Tomando como telón de fondo la residencia familiar - Solar dos Airises -, ahora en estado de "casi" ruina, Lamego, con un lenguaje propio de los belletares, recuerda la creación de culturas populares en la segunda mitad del siglo XVIII, con énfasis en Mana Chica do caboio, además de exaltar-se y posicionar-se, politicamente, en el texto "A Planície Torturada". Oliveira Viana, autor del prefacio de la primera edición del libro, en 1934, sitúa también a Lamego en el vasto campo que une al hombre con la naturaleza, hacendolo con destreza y colocando las humanidades como una prioridad para sus enfoques; y lo equipara con Euclides da Cunha, autor de os Sertões, en el que relata la tragedia de Canudos.

PALABRAS CLAVE: Periodismo literario. Historia. Comunicación popular. Cultura popular.

ABSTRACT:

This work has as main objective to situate the engineer and geologist Alberto Ribeiro Lamego (1896-1985), one of the main intellectuals of Campos dos Goytacazes city, as a multimedia writer, specialist in so many other areas of knowledge, such as literary journalism, historian, folk communicator, sociologist and, above all, an expert researcher of our cultural roots. Lamego was author of 22 works on the geology of the State of Rio de Janeiro, the most important being those that integrate the four books of the series "O Homem e o Meio Ambiente", (awarded by higher spheres of this field of knowledge). The study is based on his writings in the book "A Planície do Solar e da Senzala", a true story of love to the land in which he was born, in which he describes the geognosis of Baixada, which was once a sea, and praises the sociocultural figures of the *muxuangs* and *mocorongos* and other relevant types of Baixada. Using as a scenario the residence of the family - the Airises Manor -

sometimes in a state of "almost" ruin, Lamego, with a language proper to the belletrists, recalls the creation of popular cultures in the second half of the eighteenth century, especially the Mana-Chica do Caboio, as well as exalts and positions itself, politically, in the text "A Planície Torturada". Oliveira Viana, author of the preface to the first edition of the book in 1934, also situates Lamego in the vast field linking man to nature, doing so with dexterity and placing the humanities as a priority for his approaches; and equals the also fluminense Euclides da Cunha, author of "Os Sertões", in which he reports the tragedy of Canudos.

KEYWORDS: Literary Journalism. History. Folkcommunication. Popular Culture.

1 – PRIMEIRAS PALAVRAS

Há muito que gostaria de escrever algumas reflexões sobre o nosso ilustre contemporâneo Alberto Ribeiro Lamego (1896-1985), "Lameguinho" para os mais íntimos, filho do advogado e historiador Alberto Frederico de Moraes Lamego, autor de "Terra Goitacá" – sem dúvida uma coleção definitiva de livros que conta a história da cidade nascida do contexto das capitanias hereditárias (1532-1534), uma providência capitalista da corte lusitana objetivando o controle das terras recém-apossadas.

Reconhecido como geólogo/geógrafo, engenheiro de formação premiado como autor iluminado da série "*O Homem e o Meio Ambiente*", composta dos livros "*O Homem e o Brejo*", "*O Homem e a Restinga*", "*O Homem e a Guanabara*" e "*O Homem e a Serra*"², sobre a riquíssima sociogeologia fluminense, sempre foi merecedor de uma biografia mais apurada, fazendo justiça à sua contribuição prestimosa em outras áreas de conhecimento, legando-nos cerca de 20 outros trabalhos cintilantes.

Além dos saberes enfatizados em suas obras, tendo como cenário a geologia dimensionada pelo seu grande amor telúrico, Lamego Filho, como também era conhecido, pode/poderia incluir em seu currículo sua destreza na pesquisa histórica – na qual se incluem a arqueologia, a antropologia e, sobretudo, a paleontologia -, não deixando de ser um jornalista na melhor acepção do termo, além de clarividente sociólogo, beletrista, folkcomunicador e um *expert* em culturas populares, além de

² Ver anexos I e II, onde constam datas e posicionamento dessas obras no conjunto da produção de Lamego.

outras categorias científicas enumeradas pelo insigne historiador Francisco José de Oliveira Viana³.

Ao escrever “*Planície do Solar e da Senzala*”, uma obra específica sobre Campos dos Goytacazes – seguindo o mesmo eito do livro “*Casa Grande e Senzala*”, de Gilberto Freyre (2003) –, demonstra relevante amor ao torrão em que nasceu, tratando-o ternamente e com o esmero poético somente igualado pelas “palavras amantes”, de Azevedo Cruz, tema fidedignamente exaltado pelo musicista, professor e filólogo Newton Perissè Duarte, condensado no livro “*Escólio do Poema Amantia Verba*” (DUARTE, 1998).

Pelo olhar acadêmico, retrata o que nos ensina Veyne (2008, p.18): “Um evento destaca-se sobre um fundo de uniformidade; é uma diferença, algo que não poderíamos conhecer a priori; porque a história é filha dileta da memória”. São memórias amorosas que entrelaçam sentimentos homogêneos de Lamego, Azevedo Cruz e Perissè Duarte, em que essa tríade, que honra as letras campestres, cuida da terra como mãe zelosa, como filha predileta e mulher de esplendida beleza e eternamente amante.

Nesse caso, incluiríamos, ainda, o memorialismo que resulta das lembranças mais queridas dos sagrados mitos, das lendas existentes no imaginário das pessoas, de personagens que escreveram a saga dos heróis, dos lugares e paisagens inesquecíveis, muito embora sem o ordenamento cronológico que seria bom que acontecesse. Lévi-Strauss *apud* Veyne (2008, p.25), aclara-nos, como a justificar as memórias esparsas do livro, que:

A História é um conjunto descontínuo, formado por domínios, cada um deles definido por uma frequência própria. Existem épocas em que numerosos acontecimentos oferecem, aos olhos do historiador, os caracteres de eventos diferenciais; em outras, ao contrário, em que, para ele, aconteceram poucas coisas e, por vezes, não aconteceu nada (a não ser, certamente, para os homens que viveram esses tempos).⁴

Como exemplo pessoal - apenas para fortalecer os argumentos, como fizera o autor do texto acima, Lévi-Strauss, antropólogo universalista sempre em busca da diversidade cultural, embora se alimentando da linguística saussuriana -, quando estivemos, por indicação política, titular da Secretaria Municipal de Cultura (primeiro

³ Mais sobre Oliveira Viana, consultar <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/francisco-jose-de-oliveira-viana>. Acesso em 21 ago. 2020.

⁴ Grafado conforme a fonte, editada antes da reforma ortográfica da Língua Portuguesa.

e único na história da urbe), em 2008, visitamos o Solar dos Airises, construção colonial do século XIX da qual a família Lamego e descendentes mantiveram-se como proprietários até 2014 – ano em que, segundo notícias da época, fora vendido para uma empresa imobiliária do sul do país. O projeto seria restaurar o casarão e construir em seu entorno um lote de apartamentos, o que, por motivos desconhecidos, não aconteceu.⁵ Ainda?

Ousamos, pois, explicar a tentativa de nossa intervenção, como “*homem e testemunha daquele tempo*” (VEYNE, 2008). Nosso objetivo era o de adquirir o patrimônio, salvando-o das garras do capitalismo selvagem e enlouquecido por esterroar patrimônios históricos. Já tínhamos discutido, por várias vezes, com o pecuarista Nelson Lamego e sua esposa D. Maria Elisa Sence, as negociações. Assumiríamos (a municipalidade) o patrimônio bem como os processos movidos pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) contra a família, exigindo a restauração do imóvel. Em troca, pelo solar e cerca de 30 metros de seu entorno, a prefeitura pagaria o valor de apenas R\$ 450 mil e se encarregaria de seu restauro. Um nada para aquele tempo em que os *royalties* do petróleo eram muito generosos.

Tínhamos um sonho, àquela altura exequível, de instalar no sagrado espaço uma biblioteca temática com a História da Escravidão em Campos dos Goytacazes, Sala de Restauração e Pesquisa de documentos antigos (hoje tutelados no Arquivo Público Waldir Pinto de Carvalho), salas de aulas, auditório para palestras, um restaurante com iguarias afrobrasileiras e um terreiro para representações da “Escrava Isaura” (romance do mineiro Bernardo Guimarães), cujo cenário foi o casarão à época, situado à beira do Paraíba, então a estrada líquida por onde escoavam as riquezas da região. Poderíamos, também, apresentar outros programas, fazendo os tambores de jongo zunir (em) pelas mãos mágicas dos ogãs nas noites enluradas de Martins Laje, lembrando-nos de culturas angolanas...

Lembramo-nos, ainda. Naquela manhã de outono, de sol a pino e céu de um azul esplendoroso, percorremos as dependências do solar, ciceroneados pelo casal anfitrião, e vimos exemplares da coleção de “Terra Goitacá” espalhadas pelos cômodos em meio à poeirada do tempo, naquele dia mal varrida. Recebemos eflúvios benfazejos de entidades ancestrais habitando no ambiente. Saímos dali de

⁵ O autor teve acesso a essas informações exclusivas durante sua gestão como secretário de Cultura.

volta à nossa realidade com o coração nas mãos. Sentíamos, no porvir, no meio do cenário produzido por múltiplas utopias.

E foi só. De repente, “nada mais que de repente”, o Governo resolveu, sem dar maiores explicações, não fechar o negócio e ficamos com a cara esterroada curtindo a maior decepção. Levamos no rosto um pote de água fria. Logo no momento em que estávamos de olho no projeto de restauro do arquiteto e professor Humberto Neto das Chagas, aprovado pelo IPHAN. Também (ele) autor de uma excelente dissertação de seu mestrado na Universidade Federal do Espírito Santo, “Arquitetura solarenga rural de Campos dos Goytacazes no Século XIX: uma análise histórica e tipológica”, trabalho datado de 2010. (CHAGAS, 2010).

No clamor de nossa decepção, houve a sinalização positiva da restauração do Solar do Visconde de Araruama, hoje abrigando o Museu Histórico, como forma compensatória e menos complexa (soubemos depois). Se não tivéssemos conseguido, também, a construção do Centro de Eventos Populares Osório Peixoto (CEPOP), criação do Fundo de Cultura, política de preservação do patrimônio histórico e cultural, além de outras medidas positivas, teríamos sucumbido, e maldizendo, para sempre, a descortesia do Governo de Rosinha Garotinho para com nosso esforço na tentativa, em vão, de salvar o Solar dos Airises, o que seria para nós a feitura de um gol de placa.

É bem provável que a narrativa parida pela nossa memória histórica seja, no futuro, contestada. Até esperamos, para se manter um profícuo debate sobre Airises, ora sendo vítima do descaso para com sua preciosa historicidade. No fundo, ao escrevermos, estamos apoiados nas assertivas de Veyne (2008):

Escrever história é uma atividade intelectual. É necessário, entretanto, declarar que não se acreditaria numa afirmação como esta em qualquer lugar, atualmente; é mais comum pensar-se que a historiografia, por seus fundamentos ou por seus fins, não é um conhecimento como os outros. O homem, estando ele próprio dentro da historicidade, levaria à história um interesse particular, e sua relação com o conhecimento histórico seria mais estreita do que com qualquer outro saber; o objeto e o sujeito do cognoscente seriam dificilmente separáveis: nossa visão do passado exprimiria nossa situação presente e nós nos pintaríamos ao pintar nossa história; a temporalidade histórica [...]. (VEYNE, 2008, p.67).

Todas as vezes que passamos pela BR-354, em direção ao município sanjoanense, ocupando parte grande do terreno, onde fora o adro, e interpondo-se

ao leito do rio, onde se situava o porto, penaliza-nos ao ver o casarão exposto ao tempo, em situação de “quase” ruína produzida pelo abandono.

Originalmente construído, no século XIX, com uma arquitetura solarenga em “U”, mas com inspiração neoclássica, já perdeu parte do desenho nos cômodos dos fundos, onde se misturam cascalhos de telhas, tijolos e madeiras inservíveis, além do lixo, a que foram relegados antigos sonhos de um tempo de fartura – difícil de ser reconstruído nesta estiagem de chuvas e sentimentos.

Diante do esplendor do que fora e já não é, pensa-se, em busca de uma explicação louvável, numa solução. Qual? Parece haver um conflito entre tradição e modernidade. A primeira querendo manter os resquícios dos primeiros laivos de progresso e a segunda argumentando, à luz dos interesses capitalistas, que o “velho” precisa dar lugar ao novo, sem se preocupar que, assim fazendo, apagam-se luzes relevantes da história. Adorno e Horkheimer, em “Dialética do Esclarecimento”, obra de 1947, em tom profético, colocava/coloca o tema em discussão:

No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal. O programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo. Sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber. Bacon, o pai da filosofia experimental, já reunira seus diferentes temas. Ele desprezava os adeptos da tradição, que primeiro acreditam que os outros sabem o que eles não sabem; e depois, que eles próprios sabem o que não sabem [...]. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.19)

A pós-modernidade, mesmo com todos os saberes produzidos pelo cientificismo e pela tecnologia - determinando novas formas culturais -, todavia, não esclareceu, de forma aceitável, a contradição entre o antigo e o novo, pelo ponto de vista da história. Até porque se vive num momento atípico em que as coisas velhas já passaram e as novas não aconteceram, ainda, como a nos indicar que o porvir está em construção e aperfeiçoamento. Poder-se-ia pensar, com coerência, que no entorno do casarão restaurado (onde se pudesse/possa respirar culturas produzidas ao longo do tempo pela miscigenação étnica), caberia, sem quebrar as tradições, outros projetos modernistas, até mesmo apartamentos residenciais com seus jardins, salões de festas e de entretenimento.

Deixar cair parece ser a preferência para se justificar o acontecido, que está por se anunciar, à natureza que, irremediavelmente, transforma tudo em pó. Aliás,

por ali só existe a casca, pois tudo seu interior – a biblioteca, móveis, utensílios, obras de arte, candelabros e arandelas, veículos antigos, como tálburis, cochos e carruagens, que serviam à aristocracia rural, foi levado para outras fundações culturais e museus deste país, por falta de uma política cultural consistente nesta terra, um dia dominada pelos Assecas.

2 - PLANÍCIE DO SOLAR E DA SENZALA

Temos de Lamego Filho, fora outros, inclusive sua série “O Homem e o Meio Ambiente”, um exemplar do supracitado tesouro da literatura brasileira, fruto de sua reedição de 1996, reeditado em conjunto com o Arquivo Público e da Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, presente do professor Leonardo Vasconcelos, com a seguinte dedicatória, importante para nós dois naquele momento de lutas comuns em prol da criação de uma cartilha, visando orientar a sociedade sobre a preservação do Patrimônio História e Cultural da cidade:

Caro ..., você tem fome de que? Cada um de nós tem sua fome particular. Uns tem fome de ter, outros do poder e um segmento, infelizmente menor, do saber. Alimento-me da cultura, da arte e da literatura, segmento do qual você também faz parte. Com imenso prazer desloco da minha para a sua estante esse A Planície do Solar e da Senzala para a iguaria preparada pelo nosso “Chef Lamego Filho”. Boa degustação. Leonardo. Campos, 29 de setembro de 2008.⁶

Quem comentava/comenta, com muita empolgação, o livro de Lamego era/é a hoje empresária Diva Abreu Barbosa, professora de História nos anos de nossa graduação em Jornalismo, na preclara Faculdade de Filosofia de Campos (FAFIC). Ela, quando diretora do Departamento de Cultura, em 1978 criou o Prêmio de Cultura Alberto Ribeiro Lamego. Na época, a diretora da FAFIC era a saudosa professora Zuleima Faria (1932-2013). Poucas pessoas possuíam o original, com prefácio de Oliveira Viana, editado em 1934. E quando da reedição, em 1996, não tivemos oportunidade de receber um livro, pois a tiragem foi rapidamente adquirida por aficionados de Lamego e colecionadores. Leonardo Vasconcelos, com a doação, preencheu um vazio que se estabelecera em nós com a ausência da obra magistral de “Lameguinho”.

⁶ Acervo pessoal do autor deste ensaio.

Muitas pessoas, por paradoxal que isso possa parecer, aludem à pesquisa a uma perda de tempo e até mesmo questionam os alvares ideológicos dos pesquisadores, na maioria das vezes, alheios à saga dos povos dominados, sempre considerados coadjuvantes das tramas urdidas pelo interesse factual. E porque, nesse sentido, a história oficial trata apenas dos vencedores e isso pode ser compreendida pela falta de humanismo, muito embora não tenhamos verificado isso nos escritos de Lamago. Veyne (2008) salienta que o pesquisador pesquisa aquilo é de seu interesse e não há nenhuma norma que o associe aos temas, a não ser uma profunda ligação espiritual, apesar de controvérsias prontas para serem discutidas:

Se entendermos por humanismo o fato de nos interessarmos pela verdade da história, na medida em que esta compreende belas obras, e pelas belas obras, e na medida em que elas ensinam o que é bom, então a história, certamente, não é um humanismo, pois não envolve os transcendentais; ela não é mais um humanismo se entendermos com isso a certeza de que a história teria para nós um valor especial porque nos falam dos homens, isto é, de nós mesmos (...). (VEYNE, 2008, p. 51).

Na segunda edição, a apresentação do livro é do Desembargador Jorge Fernando Loretto (1925-2016), intelectual de Niterói, à época Secretário de Justiça e Interior, que cedeu o seu espaço aos professores antropólogos Marco Antonio da Silva Mello e Arno Vogel, que conhecemos na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Mas, antes de passar a bola para o prefácio de características demasiadamente críticas, salienta que Lamago “tem o dizer preciso e riquíssimo comparável aos escritos de Euclides da Cunha. E só não atingiu as culminâncias daquele seu coestadano por faltar ao Estado do Rio uma epopéia trágica como a de Canudos. E isso impediu, talvez, a revelação de sua genialidade [...]”⁷, reconhecendo, a priori, sua condição de inspirado escritor e jornalista, como o fora o autor de “Os Sertões”.

Todavia, nas suas reflexões, com o título “Alberto Lamago: Engenheiro e Inventor de tipos sociais” (p. XI-XXIX), os antropólogos fazem uma visita bem estrábica no prefácio da primeira edição, feita por (Francisco José) Oliveira Viana (1883-1951), formado em Direito, mas que circulava com grande desenvoltura pelos círculos acadêmicos da História e da Sociologia, a ponto de - reconhecendo-lhe a

⁷ Grafia conforme o original.

literatura muito parecida com a euclidiana - afirmar que (...) ele, Oliveira Viana, “torna-se, na mais ampla acepção da palavra, o padrinho intelectual de Lamago, conferindo-lhe a marca e o sentido na sua carreira de estreante”.

Após passear pelas diferentes formas de pensar do primeiro prefaciador, os professores lembram que Oliveira Viana havia detectado em Lamago uma marca muito pessoal, “como diretriz de pensamento, a fórmula (euclidiana) vem sempre associada ao uso peculiar do léxico e da metáfora e constitui o que se poderia denominar de uma estética do discurso sobre a sociedade (...)”.

E partem do pressuposto de que a classificação sociolinguística dos *muxuangs* da Baixada Campista; e dos *mocorongs*, que habitam os altiplanos do município, que se estende até a Cadeia do Mar, caracteriza (m) uma espécie de tipos sociais presentes na literatura brasileira, com ênfase para o famoso Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, incluindo o comercial do “Biotônico Fontoura” destinado a recuperar as energias depauperadas do homem infeliz situado no interior, onde eram/são péssimas as condições sanitárias.

Ambos explicam, de uma forma muito sisuda, talvez por não serem campistas da gema, quase negando o que existe de genial na obra de Lamago, que Oliveira Viana busca, sem referência, um significado plausível. No prefácio, “empobrecem” a ideia quando propõem acrescentar no livro (de Lamago) o *matuto*, sem que o prefaciador da primeira edição tenha recorrido sobre o fato, embora seja ela autor do livro “Populações Meridionais do Brasil”, obra publicada em 1920, pela empresa Monteiro Lobato & Cia., na qual existe esta versão antiga do caipira. E acrescentam:

A mesma ambição parece ter movido Alberto Ribeiro Lamago. Sua ficção sociológica de “Muxuangs e Mocorongs” especifica, na formação social do centro-sul, os tipos fluminenses do litoral. Propõe uma teoria do povoamento, na qual se encontra implícita uma concepção de história. Não será difícil descobrir na obra de Edmond Demolins sua referência básica. Para o autor de “*Comment La Rout Crée Le Type Social*”, a história não é se não a gênese da diversidade das raças e dos povos. E esta é a consequência dos distintos caminhos que os grupos humanos empreenderam sobre a terra [...].

Depois de passar tanto tempo na Europa, Alberto Lamago teve que se adaptar às condições políticas e sociais do Brasil, mas isso só se revela na biografia do grande geólogo. Sem dizer das dificuldades no período de adaptação, os

antropólogos explicam que “em 1934, quando o livro foi lançado, foi o *annus mirabilis* da geografia no Brasil”, garantindo que graças aos cursos no âmbito da Faculdade de Filosofia, e ao surgimento da Associação dos Geógrafos Brasileiros, a formação universitária desatrelou História da Geografia. Para a geologia naquela época, o nosso contemporâneo era uma espécie de estranho no ninho, mas, graças ao seu denoto e a sua inteligência, conseguiu firmar-se como especialista em História e Geografia, título que se somou ao de engenheiro.

A ideia de incluir os *muxungos* e *mocorongs* à grande lista de tipos sociais não tirou o ânimo de Lamego. Muito pelo contrário, seus personagens, com um linguajar apropriado pelo talento do escritor José Cândido de Carvalho e, depois, copiado pelo novelista Dias Gomes para a composição de seu Odorico Paraguaçu, foram mais valorizados. Incorporados aos caipiras, testas-brancas, tabaréus, jecas e capiaus, e de tantas outras designações dos que, por teimosia, diante do êxodo rural, preferiram permanecer na terra, os nossos interioranos se mantêm intactos em sua natureza ingênua. “São expressões de menosprezo, de debique, atiradas pelas gentes das povoações, cidades, vilas, aldeias, e até arraiás, contra o homem do campo, do mato, da roça. São as expressões de um antagonismo singular”, como se lê no prefácio.

3 – VISÃO DE OLIVEIRA VIANA

Ao contrário dos prefaciadores universitários, que preferiram não entrar nas questões geológicas do livro, como também nos aspectos relacionados às instâncias folkcomunicacionais, provavelmente pela falta de intimidade com os temas de natureza fluida da sociologia da cultura, Oliveira Viana foi muito mais condescendente para com Lamego e não conseguimos detectar qualquer indelicadeza no afã de delinear, com o olhar crítico, a obra do nosso ilustre contemporâneo.

Limita-se a verificar, no escaninho da história fluminense, algumas novas trilhas que poderiam ser incluídas na obra, no sentido de torná-la mais acessível aos leitores menos aquinhoados pela cultura. Por exemplo, faz uma citação original, sobre os fulcros da construção civilizatória fluminense, do maior interesse para pesquisadores:

Fora o pequeno grupo dos goitacás, insulado na planície campista, os demais aborígenes – “*suruçus*”, “*coropós*”, “*aimorés*”, “*puris*” e etc. – ou migraram para as selvas do planalto central, ou refluem para o âmago das montanhas das Minas, ou se afundam rapidamente no seio da população civilizada, que os defronta e marcha contra eles, na faina de desbaste e da cultura. Tudo isso, porém, sem lutas, dignas de menção histórica. O paulista bandeirante teve que formar as suas hostes aguerridas para vencer as poderosas coligações dos selvagens, que contra ele se levanta, barrando-lhe a marcha para a conquista do sertão – dos seus campos pastoris, dos seus campos auríferos, dos seus campos diamantíferos. O nordestino, durante toda sua história, teve que reagir contra os mais ferozes representantes da barbárie nativa. O campeador do extremo sul conquistou, palmo a palmo, ao minuano, ao charrua, ao tape, ao espanhol, a sua gleba atual. O fluminense nunca teve necessidade disto – de apurar as suas capacidades belicosas para fixar-se no seu habitat e lançar os fundamentos de sua sociedade regional. É um tipo que se formou inteiramente fora da escola guerreira, em que educaram os três outros tipos. Daí, dessas formas pacíficas de sua expansão colonizadora, o caráter silencioso, surdo, obscuro da história social fluminense. Muito ao contrário do que Frei Leonardo Oros dizia da conquista da terra no extremo sul – “de que não se podia tratar de fábrica ali senão com a foice nesta mão e a espada na outra” – o fluminense teve sempre, na sua irradiação colonizadora, na sua expansão para o interior, as duas mãos livres, inteiramente livres e as pode aplicar, exclusivamente, no pastoreio dos seus gados, no desbaste das suas florestas, nas sementeiras de seus campos, na ceifa dos seus canaviais, na colheita de seus cafezais. Não a espada, a lança, o mosquete; mas o laço e a aguilhada, o machado, a foice e a enxada. Durante toda nossa história, nós, fluminenses, nunca tivemos necessidade de manejar outras armas [...]. (VIANA in LAMEGO, ..., p. 6)

Sem analogias desnecessárias com outros tipos socioculturais, Oliveira Viana reconhece o valor das pesquisas do Lamego, pai, e o enaltece por ter escolhido como tema de seu trabalho a planície campista, a região clássica dos currais e dos engenhos de cana, historicamente a mais importante, por ter sido o centro inicial de nossa grandeza agrária. Inclui em sua análise a óbvia descoberta que Lamego Filho sempre foi/e é muito mais do que o geólogo humildemente apresentado, o que nos fez estudar para produzir este trabalho. Eis o que o prefaciador escreve mais adiante:

[...] Nesse sentido, Lamego Filho faz um trabalho brilhante e original sob qualquer aspecto. Nele assistimos o nascer do povo, a formação das culturas iniciais, a evolução da economia, da raça, da sociedade, da psique do grupo. Ele tinha, na biblioteca paterna, todos os elementos necessários para isto. O que nos dá, neste volume, é apenas um pouco do muito que ainda virá a fazer. Espírito novo, tímido de cultura moderna, o seu livro toca nos temas mais variados – antropologia, etnografia, antropossociologia, antropogeografia,

economia, psicologia freudiana, etnografia, folclore, história, política e não sei mais o quê. Sente-se o tumulto cultural em efervescência, ansiosa por descobrir-se, revelar-se, expandir-se – e o seu livro ressurte-se um pouco disto, desta sorte de incontinência, própria dos espíritos novos, robustos, originais, como o seu, e também aos escritores que iniciam [...]. (VIANA in LAMEGO, ..., p. 6)

Oliveira Viana, de forma muito elegante, elogia o livro de Lamego, não por benevolência, mas por reconhecer no mestre de tantas lidas e das letras e da geologia, o talento necessário e com base científica para produzir algo tão significativo para a história da cidade de Campos, “*a formosa e intrépida amazona*”, no dizer do poeta Azevedo Cruz. Versos que se transformaram, com a musicalidade de Newton Perissè Duarte, no hino do qual todos nos orgulhamos.⁸

Nesta segunda edição, nem caberia outro prefácio, com todo respeito aos antropólogos que o produziram. Porquanto, o mais importante foi/é a reedição dessa obra enriquecedora de nossa historicidade. Acreditamos que o fechamento do prefácio original fala muito sobre a genialidade de Lamego e suas potencialidades projetadas para o futuro.

(...) Não quero dizer do livro em si, do seu conteúdo, do mundo de matéria versada. Há nele uma mistura estranha de imaginação e realidade, de inspiração literária e preocupação científica. Lamego Filho trai nele o poeta que se fez homem de ciência, o autor de versos e o engenheiro de minas. Evocando o passado ou descrevendo o presente, revela-se, evidentemente, um escritor de estirpe, um colorista cheio de largas provisões de tintas. (...) Dentro do seu limitado cenário regional, a sua imaginação é igualmente vivaz e colorida descrevendo o presente ou evocando o passado – e revivendo a vida extinta dos antigos solares – como o do Colégio – ele põe as mesmas tintas descritivas com que pinta a vida atual da grande planície, com suas florestas, os seus rios, as suas lavouras vicejantes, a poesia de suas rechãs, a doce tranquilidade das suas paisagens lacustres. Mas o que ele é, antes de tudo, é um grande evocador do passado, sentindo como poucos a imensa poesia da nossa grandeza extinta, daquela existência suntuosa de nossas avós, e ainda hoje revelada na melancolia dos velhos solares derruídos [...].

O resultado é como se fosse (e o é) uma grande reportagem em que o jornalista (e pesquisador) não deixou chances para concorrente (s) recorrer a suítes, porque todas as nuances foram devidamente preenchidas, uma vez que é no enunciado, como ensina Vizeu (2008, p.108), “que os jornalistas produzem

⁸ O Hino de Campos pode ser conferido em <http://www.camaracampos.rj.gov.br/hino-campista>. Acesso em 24 ago. 2020.

discursos. E é no interior do próprio processo discursivo, por meio de múltiplas operações articuladas pelo processo da própria linguagem, que a audiência é construída antecipadamente [...].”

Voltamos a defender, quando muitos pensam ao contrário, que o jornalista é acima de tudo um escritor, um contador de histórias, cujas tramas são urdidas a partir das factuaisidades que alimentam as mídias, diariamente, através de um discurso direto com o receptor das informações que podem, por dedução, compreender o enunciado como um núcleo produtor de conhecimento. Por isso não temos dúvida em caracterizar em Lamego o inspirado jornalista intimamente ligado à realidade de seu tempo e de seu povo.

Vizeu (2008), provavelmente após se inspirar nos escritos de Bakhtin, que, entre outras coisas, aclara que a “tendência analítica do discurso indireto manifesta-se principalmente pelo fato do elemento emocional e afetivo do discurso não ser literalmente transposto ao discurso indireto, na medida em que não são expressos no conteúdo mas nas formas de enunciação” (BAKHTIN, 1992, p. 158-159), nos propõe refletir sobre:

Dessa forma, o discurso jornalístico é produzido com base no concurso e do efeito daquilo que lhe ofertam outros códigos, isto é, outras vozes e múltiplas polifonias provenientes de outros campos culturais ou que deles são tomadas por empréstimo: vozes deontológicas – que dão conta de certo fazer discursivo; as vozes da divisão social do trabalho inerente ao jornalismo; as vozes da pedagogia – cada vez mais o discurso jornalístico se insinua como uma espécie de saber explicativo dos processos sociais. Também não podemos deixar de lado as vozes internas do próprio discurso jornalístico. São as técnicas que mobilizam as regras de vários campos: convenções audiovisuais, vocabulário, normas gramaticais, procedimentos profissionais, estilo, entre outros, para a produção das notícias [...]. (VIZEU, 2008, p. 112).

4 – A PLANÍCIE TORTURADA

No preâmbulo, denominado de “A Planície Torturada” (p. 11), o próprio Lamego confessa, com inusitada humildade, que seus escritos que compõem o livro “*são meros ensaios jornalísticos, enlivrando-os ao redor de um mesmo tema: a Baixada Fluminense, nucleada em Campos*”. Narrativa pura de um jornalista literário de alta competência e inspiração, na melhor definição do professor e escritor Felipe Pena, pesquisador sobre o assunto, no qual procura, de início achar, com tranquilidade, uma definição sobre o significado do jornalismo (ser) evidentemente

literário, com as características linguísticas do poeta, romancista e neologista (por natureza) da língua portuguesa, em busca de novos significados e amparados em nítidas referências.

Na apresentação de sua pesquisa “O jornalismo Literário como gênero e conceito”, apresentada no NP de Jornalismo, do Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, em 2006, e que deu origem à edição do livro “Jornalismo Literário”, editado pela Contexto naquele mesmo ano (PENA, 2006a), ele se mostra, embora timidamente, conhecedor desta junção entre o jornalista e o literato, quanto à sua gênese:

Não há consenso sobre as origens do jornalismo. Para muitos pesquisadores, ele começa junto com a primeira comunicação humana, ainda na pré-história. Mas outros localizam o início muito mais tarde, entre os séculos XVIII e XIX, quando suas características modernas já podem ser identificadas. Ou seja, quando os jornais já possuem periodicidade, atualidade, universalidade e publicidade. No livro Teoria do Jornalismo, deixo clara a minha posição, que está muito mais próxima da primeira versão. Para mim, a natureza do jornalismo está no medo. O medo do desconhecido, que leva o homem a querer exatamente o contrário, ou seja, conhecer. E assim, ele acredita que pode administrar sua vida de forma mais estável e coerente, sentindo-se um pouco mais seguro para enfrentar o cotidiano aterrorizante de seu meio ambiente. (PENA, 2006b, p. 1)

Também o escritor, jornalista e professor Múcio da Paixão (1870-1926), no livro “Movimento Literário de Campos – Notícias sobre alguns poetas e prosadores campistas”, editado em 1924, cujo prefácio vem assinado por Sylvio Romero, autor da obra “História da Literatura Brasileira”⁹, salienta, a exemplo de sua experiência adquirida no contacto com intelectuais campistas de seu tempo, afiança que “a propulsão em favor das letras, em Campos, para bem dizer, caracterizou-se inicialmente no campo de atividade jornalística. A primeira fase da cultura literária entre nós foi exercida no jornal (e foi esse um dos grandes serviços que nos prestou a imprensa).” (PAIXÃO, 1924, p. 15).

Campos, segundo Múcio, foi uma das primeiras cidades brasileiras a possuir sua imprensa. “Era ainda vila quando publicou o seu primeiro periódico – O “Correio Constitucional Campista” – fundado por Antonio José da Silva Arcos, e cujo primeiro

⁹ O livro de Romero é dividido em dois tomos, sendo que a primeira edição data de 1902. Os dois tomos estão disponíveis para download na biblioteca Digital da UNESP, no link <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/6569>, junto com uma biografia do autor. Acesso em: 24 ago. 2020.

número saiu em fins do ano de 1830”. Não há nenhuma dúvida de que os jornais oitocentistas tinham uma base literária muito forte, e, se em Campos era dessa forma, podemos compreender que em todo país a situação era a mesma, principalmente no momento em que, por força da Revolução do Porto, em 1820, proliferaram periódicos, sem a necessidade de permissão por parte do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves.

De Lamego, no mesmo capítulo, segue uma narrativa de discurso direto, na qual podemos identificar o insigne jornalista descrevendo o cenário geográfico da terra com a força dos grandes inspirados literatos, mas deixando impressa sua indignação para com a verificação dos extremos sociais – riqueza e pobreza -, como produtos do mesmo tempo de exploração capitalista:

Nenhuma região do Estado do Rio melhormente¹⁰ o representa. Nenhuma que tão bem lhe retrate a grandeza e a decadência. Nenhuma que mais ao claro exhiba os arrancos desesperados do homem progressista, tantalizado sob os ferrolhos da burocracia administrativa e sob as garras gananciosas de agiotas brancamente empedernidos. “Planície do Solar e da Senzala” – das idéias fecundas e da política rastejante, dos impulsos realizadores e da execranda exploração das massas, das fortunas enormemente concentradas e da crescente indigência coletiva, da fartura e da miséria – é esta a imensa terra inacabada que se consolida ainda por bocados. Às descargas aluviônicas trazidas pelos rios que despencam da Cordilheira do Mar, a gleba enxuga-se, em derradeiro aviamento para o homem. Mas este precedeu-a com seu tino admirável e intorcível pertinácia. Da descoberta à República, transfigurou-a, trabalhando-a. Trilhou-a de sendas. Desafogou-a de banhados. Relvou-a de pastagens. Civilizou-a de solares. Por três séculos de feudalismo agrícola, de extremo a extremo da Baixada, as pontas de chaminés de seus engenhos desenhavam fumaréus no ar azulino da planura. As desgrenhadas abas serranas que a penetram, desarvoradas das florestas pelos machados, pentearam-se cuidadosamente outrora de cafezais, para a transição capitalista do Brasil.¹¹

Neste texto, não há como não associar o escritor à seara ideológica da época em que foi concebido, e nota-se, sem muito esforço, que não estava feliz com o andamento das condições político-administrativas do país. Como compreender, então, que um intelectual, nascido em berço de ouro porquanto pertencia à aristocracia rural brasileira, considerada uma das mais empedernidas da história, assumisse uma postura favorável à distribuição equânime das riquezas produzidas pela república dos generais, proclamada há apenas 42 anos? Faz-nos lembrar do

¹⁰ Melhormente com grifo nosso para destacar o advérbio usado anos depois por José Cândido de Carvalho.

¹¹ Trecho grafado conforme o original.

Policarpo Quaresma, das reflexões políticas de Lima Barreto, derrotado pelo pelotão de fuzilamento do governo de Floriano Peixoto.

O famoso preâmbulo, escrito por Alberto Ribeiro Lamago em julho de 1931, no Solar dos Airises, pode ter outro significado, principalmente se editado logo após as apreciações de Oliveira Viana. É como um hiato entre as abordagens. Acreditamos que o jornalista queria passar, mesmo com um discurso indireto, outras mensagens, emboramente (*com a devida permissão de Lamago e Zé Cândido*) dirigida a quem pudesse decifrá-las. De repente, poderia ser uma descontinuidade com a assunção do Getúlio Vargas ao poder, como resultado da Revolução de 30? Difícil de saber, porque o caudilho dos pampas era conhecido como “*a mãe dos pobres e o pai dos ricos*”, tendo, desde o início de sua gestão, muito sucesso entre os produtores da planície.

Uma pista mais grifada, todavia, espanta-nos (p.13) quando se refere ao também fluminense Euclides da Cunha, jornalista que ficou famoso com “Os Sertões”, cobrindo a tragédia de Canudos. Lamago cita-o enfatizando: “[...] Quando da pena fulgurante de Euclides da Cunha chispavam em centelhas de gênio as páginas mais dinâmicas da língua portuguesa – Judas Ashverus – por certo o grande fluminense não penetrara a fundo os pantanais de sua baixada infelicíssima”, querendo nos dizer (dizendo) que a situação do povo do Estado do Rio não era melhor do que a destruição do grupo messiânico comandado por Antonio Conselheiro.

A seguir, com força produzida pela revolta, lembra-nos dos sofrendores interioranos dos confins da Amazônia: “[...] Qual a maior desgraça! Além, o desprecaído, que a ânsia do lucro rápido atira a arapuca dos contratadores de borracha. É o homem murado vivo no matagal, isolado nos extremos do ocidente brasileiro, pela incomunicabilidade da distância intransponível (...). Antes, argumentando sobre o retrocesso socioeconômico da região, diz que “Veio a Abolição e veio a República. A primeira, justamente inadiável, desbaratou-lhe a mão de obra. A segunda, descomedindo-se por inépta, trouxe-lhe a politicagem”, o que seria outra pista interessante para situar Lamago como adepto da monarquia de Pedro II.

Nosso contemporâneo, após lamentar que a pena euclidiana não tenha elegido as franjas da capital para narrar outras tragédias, muito mais terríveis do que a de Canudos, encerra o preâmbulo com olhar lacrimajante sobre a terra natal:

O fito deste livro é focalizar alguns de seus aspectos, referindo-se à planície. Forcejando por limitá-lo a suas raias fronteiriças, intencionei tão somente debuxar painéis de sua notável geografia humana. Todavia, neles tentarei mostrar a irremunerada contumácia de seus filhos, usurpados nos proventos de um duelo formidável com a planície canaânica. Neles procurarei expor, em rascunhos desmerecíveis, a beleza da terra e os arrancos do homem na ferrenha porfia de vencê-la. Minúscula célula social da comunidade humana, a amplitude de seus males atuais miniaturiza em síntese gritante e revoltada, a anarquia administrativa que desgoverna o mundo. Numa lâmina microscópica pululam os mesmos germes que devastam multidões. I-los especificando com lisura é obra que talvez falhe por imperícia, mas não desmerece a simpatia dos que se condoem dos flagelos coletivos. Para a defesa de qualquer povo sofredor não há empecilhos que me façam silenciar. E, neste caso, este povo é o meu.¹²

5 - NOITES DA PLANÍCIE

No princípio era tudo mar. Em fins do Terciário, onde se alastra hoje o plaino goitacá era por todo parte o oceano. De Gargaú a Cacimbas, à Saudade, ao alto e às elevações de Campos, batiam livremente as ondas. O pontal entre o Muriaé e o (Rio) Paraíba, até Outeiro e Monte Alegre, uma enseada. De Itereré a Ururaí, os pantanais de Gurirí, de Macabú e a Lagoa Feia, o mar. O promontório do Itaóca – ligado à serra pela terras altas do Imbé – e a península de Quissamã, emersos, olhavam a imensidão equórea inflada em vagalhões. (Lamego, p.19).

O livro, depois de todas as apresentações e revelações sobre o espírito indomável do grande “Lameguinho”, tem divisões distintas, escritas numa linguagem técnica, mas que atrai pela forma poética com que o escritor nos brinda. Na Primeira Parte, fala ele sobre canaviais e lagoas, começando pela “Geognose da Planície Campista”, provando ter sido o plaino, do Farol de São Tomé até a Cadeia do Mar, área totalmente tomada pelo oceano. Seguindo, define suas valiosas pesquisas sobre Lagoas, Canaviais, Solares, passa pelo dos Jesuítas, onde hoje abriga o Arquivo Público Waldir Pinto de Carvalho, para, mais adiante, discorrer sobre o chamado Ciclo dos Fidalgos, no qual mostra a grande dimensão da Fazenda do

¹² Grafado conforme o original.

Colégio, a maior de toda Baixada. Cita que Couto Reis mostra as cifras da produção em 1785:

Escravos, 1482; Gado Vacum, 9.625; Gado Cavalhar, 4.017; Açúcar, 8.618 arrobas; Algodão, 46 arrobas; Aguardente, 10.550 medidas; Milho, 380 alqueires; Feijão, 200 alqueires; Arroz, 300 alqueires; Farinha, 331 alqueires; Pano branco, 800 varas. Dentre as inúmeras propriedades agregadas ao Colégio destacava-se a de Airises, que das margens do Paraíba descia conglobando as atuais Mirandela, São José, Limão e Partido...

Descreve, com a mestria de sempre, o drama dos canaviais, abordando a diferença e a exploração das classes subalternas depois da Abolição da Escravatura. Faz um balanço dos banguês, dos engenhos e usinas e segue narrando, com a destreza do jornalista, sobre a Enchente Grande, num tempo em que no Rio Paraíba não se tinha providenciado a construção dos diques para aprisionar as águas revoltadas. Mas, de propósito, deixou para o final dessa parte o capítulo sobre “Noites da Planície”, na qual demonstra toda paixão pela terra e, em tese, deve ter produzido os textos com o pensamento vagando pelos descampados, observando as cambonas gemendo de dor pelos aceiros, puxando canas para alimentar a fome das fornalhas, ou mesmo observando o assovio do vento soprando as palmeiras imperiais. A narrativa, tecida com as técnicas de observação jornalística, é uma joia da literatura portuguesa:

Enamoradamente encantadoras são as noites nas fazendas da planície. Ao descair da tarde, transfigura-se o poente, charmarreado de listrões violáceos, rubros e dourados. Pinga a pupila solar atrás da Cordilheira. As últimas résteas de luz oblíqua esfrolam as grandes águas espalhadas, envernizando-as. Colhereiras de nácar coloram o azul sereno, sobre as lagoas límpidas que se irisam de matizes resplendentes, esmaltadas de irradiações luminosíssimas, fulgurando... Os ares vibram trêmulos de irerês, garças imáculas alam-se em vôo murcho sobre a imensa calma das planuras, indo morrer nos longes, acenando na penumbra dos ermos afastados... Ninféias noctifloras desabrocham frescas e alvíssimas nos pauís iluminados. Na pele esticada dos charcos tamborila a saparia despertada. O órgão dos carros silencia, dando início ao cantochão das boiadas. No lusco-fusco nostálgico, sirenas de usinas cantam tristonhas como cigarras. Aboiados e mugidos longos espicham-se saudosamente pelas pradarias. O dia morre lento e lento, incinerado no crepúsculo. Súbito, em delícias de luz e requintes de furta-cores subtilíssimos, apaga-se num deslumbramento a opalescência dos banhados. Pelo côncavo celeste a noite tropical rola do oriente como uma pálpebra. Então, enquanto grilos monocórdios esticam fios de aço no bojo musical das trevas, em meio ao pizicato polífono de ranídeos, e aves noctívagas varam maciamente os ares, começam a surgir os brilhos lucescentes, longe e longe, pelas distâncias submersas do negrume... Tímidos, trêmulos, mortiços, lamparam

luzes pelos casalejos. Leves, vivos, vacilantes, chuveiam vagalumes pelas camparias... Coruscantes, nítidos, lacrimejantes, auri-luzem astros pelas amplidões [...].¹³

Na descrição poética das noites, não faltaram atos folkcomunicacionais, porquanto em meio à fatura descritiva da imensa natureza estava faltando, ainda, o deixar da faina dos escravos. Quem explica este fenômeno de comunicação é José Marques de Melo (1948-2018) citando Luiz Beltrão:

Se o folclore compreende formas interpessoais ou grupais de manifestação cultural protagonizadas pelas classes subalternas, a folkcomunicação caracteriza-se pela utilização de mecanismos artesanais de difusão simbólica para expressar, em linguagem popular, mensagens previamente veiculadas pela indústria cultural [...]. (MELO, 2004, p.11).

Eis o Lamego folkmídia, no melhor dizer do pesquisador Joseph Luyten, fazendo o que o próprio Beltrão nos ensina: “Comunicação é o problema fundamental da sociedade contemporânea – sociedade composta de uma imensa variedade de grupos que vivem separados uns dos outros pela heterogeneidade da cultura, diferença das origens étnicas e pela própria distância social e espacial [...]”. (BELTRÃO, 2004, p.27). E nos mostra a noite no esplendor da cantoria das culturas operárias, nos terreiros das fazendas ou diante de fogueiras nas senzalas:

Nesta hora é que a alma antiga das fazendas surge-nos tão outra do prosaísmo da cidade. O operário extenuado de serviço não descarta de seus bailados suavizadores e de suas desanuviantes cantilenas. Da zoeira miscigenética de casinhotos e senzalas soam flautas e cavaquinhos, sanfonas e violões, gaitas e chocalhos, adufos e pandeiros, eletrizando o espírito sentimental do povo, filho do maracá e da guitarra, da marimba e da viola. Choros preludiam serenateando. Sarabandeia solavancando a síntese nacional dos maxixes. Em lenga-lenga molenga vão ladainhando os sambas nos terreiros, varridos de sapateados. E percutindo os ermos cavos do silêncio, espancando em umbigadas bambas e ventre pando da noite, retumba, em zabumbar soturno, o burundum dos jongos nas solidões rurais – *Olá, Olô, Olê. Olê, Olô, Oláaaa. A garça passou voando / Branca, branca de luáaa. Olê, Olô, Olá. Olá. Olô. Olêee. Meu amor fugiu se rindo / tal qual uma irerêeee.* Brancos, mulatos, negros, amolentados ao ritmo sensualíssimo, baralham-se em coleios, entrechocando-se em bulício bamboleante, como além, mescladas na massa das lavouras, esfregam-se as canas pluriculores, bailando ao som dos ventos roçagantes, ao reco-reco da folhagem áspera. No caldeamento intensíssimo da raça, por sem dúvida influiu de muito a

¹³ Grafado conforme o original.

cadência das danças, ebulientes, flácidas, ofídicas, indígenas, lusas, africanas, imantando, atraindo, juntando à mistura etnogênica das senzalas, esse atropelo racial de nossa plebe, aonde a abstinência forçada do colono chegadiço e o donjuanismo latino dos senhores vinha plasmar em gerações subsecutivas a personalidade complexíssima do mestiço, cruzando e recruzando disparidades somáticas, intelectuais e morais, já de si tão extremes. E a excelência do brasileiro para a dança transmitiu-se no sangue lembradiço (...).

Lamego, igualmente na linha da folkcomunicação, descreve as procissões de chuva, consubstanciando a fé da população inculta da Baixada, contando com a parceria dos prelados das capelas das fazendas. Mas, o melhor de tudo, como uma forma apoteótica de encerrar o estio, o folclorista revela a história da Mana-Chica, a mais tradicional das culturas da Baixada, inclusive com registro no Dicionário Brasileiro do Folclore, de Luis da Câmara Cascudo (CASCUDO, 2012). Nesta fonte de água límpida beberam e se fartaram pesquisadores de todos os lugares interessados no folclore desta região tão rica de dizeres e fazeres...

Abordou, no livro, outros temas interessantes, inclusive sobre os polêmicos “Muxuangos e Mocorongos”. Quem quiser se deleitar com essas notícias raras poderá ler “Na Morte do Rio Saudade” denominação romântica do Rio Paraíba do Sul, também citado como Rio da Escravidão. Fala, ainda, das “Relíquias”, das paisagens das “Selvas e Montanhas”. Após, sobe aos altiplanos para nos dar notícias de Pedra Lisa, no norte do município e, finalmente, descreve o que chamou de Terra Proibida, uma ligeira, mas sentida, historiografia sobre a Baixada Fluminense, para onde, desde a colônia, os pobres foram empurrados, fato que vai ser ampliado, e ganha mais notoriedade, com o Projeto Pereira Passos, a partir de 1904, no Rio de Janeiro.

Contudo, o objeto principal de nossa pesquisa foi o de mostrar um Lamego multimídia, atuando no além do que nos informa Oliveira Viana, no primeiro prefácio. Quis terminar (repetimos) apoteoticamente com os louvores da Mana-Chica. É como fechar a cortina no espetáculo teatral, em revista, tratando de nossa autoestima abalada por pandemias, mortes, horrores e uma discussão política inútil que não resolve os problemas mais cruciais da comunidade, principalmente as relegadas aos espaços favelados, aos guetos infundáveis das cidades mal cuidadas e sem hospitais para garantir a vida das pessoas.

Já havíamos, em nossa dissertação de Mestrado na UFRJ (SOARES, 2002), defendido o escritor campista dos ataques do folclorista Joaquim Ribeiro, no seu livro “Folclore do Açúcar” (RIBEIRO, 1977), pela ousadia de querer descampistizar a Mana-Chica, dizendo que a dança/modinha é uma inteligente derivação do fado. E é. Mas ele se esqueceu de que a arte das dançadeiras da Baixada Ihe deram modulação e ritmos próprios, como nos assinala o folclorista Alberto Ribeiro Lamego, inclusive na criação renovada de outra variante com o nome de “Lanceiro”, fato colhido, durante as pesquisas de campo, com o Capitão de cavallhada Antonio de Zinho, famoso por preservar no Caboio, lugarejo próximo de São Martinho, os derradeiros gemidos de nossa cultura, antes que seus integrantes fossem atirados nas franjas da cidade por força cruelíssima do êxodo rural, que lhes arrefeceu os empregos.

São ricas as informações, produzidas pelo memorialismo e pela pesquisa lameguiana, reconhecidas, em tese, pelo próprio Luiz da Câmara Cascudo:

Das várias que resistiram à erosão do tempo, esta é a mais popular das danças regionais campistas. Criada no seio da planície, entre lagoas e canaviais, remonta sua origem a fins do século XVIII. Pelo menos é o que nos conta a tradição. Nasceu no Caboio, um desses pequenos agrupamentos marginais à estrada do Cabo de São Tomé, grudado ao solo raso entre a Lagoa Feia e Mussurepe. Por aquela época havia entre os moradores uma mulher apelidada de Mana-Chica. Foi a sua inventora. Da sua vida apenas deduzimos que era amiga da folia. Enumerando os habitantes da planície, em 1785, Couto Reis nomeia entre outras, três proprietárias nas proximidades do arraial: Mariana Francisca, Inácia Francisca e Francisca Maria. Seria alguma destas a afamada dançadeira, ou teremos de ir buscá-la entre as camadas plebéias? Veremos pelo seguir que o entrecho da divisão indica um conhecimento regular de passos coreográficos, então alheios à massa inculta do operariado agrícola. Como quer que seja, o foco originário é incontestado. Naquele tempo, era monótona a vida das fazendas. Ao contínuo labutar dos canaviais à árdua tarefa dos engenhos, aos serões na debulha e nos teares, apenas vinham quebrar a insípida imutabilidade, o reboiço das festanças pantagruélicas, o festejo anual do Padroeiro, os pomposos aniversários dos fazendeiros. Mas a humilde população dos descampados, nas grandes noites plenilunares desforrava-se do viver emarasmado, com o bulício das folias barulhentas no chão batido dos terreiros. Indubitavelmente a influência do negro foi sensível. O estampido dos batuques africanos predominava as noitadas brasileiras. Mas não devemos olvidar o índio. Se dos primitivos goitacás nos faltam minúcias, o mesmo já se não dá com seus herdeiros e aparentados – coroados, puris e coropós.¹⁴

¹⁴ Grafado conforme o original.

Para dar razão a Lamego, o Núcleo de Iniciação à Pesquisa Científica em Comunicação – NIPEC –, participou, com alunos e artistas da Cia. Gente de Teatro, de apresentações do “Fado” da Fazenda Machadinha, em Quissamã; e de Dona Rosa Pomada, na região de Muritiba, em Gargaú. Não encontramos as semelhanças de que nos quis convencer o folclorista Joaquim Ribeiro. O que mais aproxima é o fato de ser uma dança de origem portuguesa adaptada aos costumes do interior. Vejamos o que nos diz o autor de “Planície do Solar e da Senzala”:

Pelo que observamos nas aldeias portuguesas, os velhos folguedos tradicionais do povo, no bater de palmas, nos súbitos arremessos, nos círculos gigantes, nas longas reticências finais do canto, têm estreitas ligações com as danças da nossa gente. E destas, a Mana-Chica e suas derivações são as que mais nos insinuam a íntima penetração das três raças. Ressente-se-lhe, todavia, o influxo mais porventura da branca que das outras duas. É notória a semelhança de suas figuras com as da quadrilha. Entretanto, o original dela está no ritmo diabolicamente irresistível e nos versos dos rústicos cantadores repentistas. A marcação em si resume-se em três ou quatro figurações. Frente a frente, os pares alinham-se a guisa dos quadrilheiros. As violas do branco tangem. O adufo do negro rufa. Os chocalhos ressoam como ásperezos maracás indígenas. Os cantadores abrem uma cantilena sentimental que se espalha pelos rechanos distendidos, inflando-nos de um sentimento de amplidão, levando-nos em reticências indizíveis, pelo presente e pelo passado. No espaço e no tempo (...).

Finalmente, dizendo que a Mana-Chica, uma derivação de Irmã Francisca, é uma dança bem notável, “nos seus versos refertos de humorismo, onde adágios e rifões se encaixam em surpreendente alacridade, malgrado os retumbos perturbadores da cadência a toda langüescente a tudo subordina”, o ilustre campista nos oferece as derradeiras notícias sobre os fatos (p.84):

Caboio, Santa Rita e Quissamã foram os núcleos predominantes das folias do Norte Fluminense. Hoje (*referindo-se a 1934*) o grande foco é a região do Açu, os campos rodeiam o Cabo de São Tomé e as praias sanjuanenses, borbulhantes no verão. Vasta é a família da Mana-Chica. Família, pela semelhança que entre elas há e por ser-lhe em geral desconhecida a lascívia habitual às danças africanas. São reunidas, genericamente, sob o nome de fado. Citemos a “Marrecá”, a “Andorinha”, a “Mineira”, o “Mangalô”, o “Barabadás”, o “Feijão Miúdo”, o “Quindim”, o “Balão Faceiro” e o “Gambá” ou “Extravagância” (...).¹⁵

¹⁵ Grafado conforme o original.

Todas as reminiscências aqui relatadas perderam-se no emaranhado do tempo, sempre irrecuperável, porque para atualizar as modinhas haveria necessidade de recompor, o que é impossível, os grupos sociais que as interpretavam. A Mana-Chica, na segunda metade do século passado, ganhou uma produção, com parte das letras colhidas por Lamego e música do insigne musicista e filólogo Newton Perissè Duarte, especialmente para o Orfeão de Santa Cecília, que a registrou através do “Resgate da Memória Musical de Campos”, a partir da obra do pesquisador Vicente Rangel Marins Jr.

Segundo Jacques Le Goff (1924-2014), autor de “História e Memória” (LE GOFF, 1990), o esquecimento faz parte dos processos de memorização. Mas ninguém poderia prever que isso fosse acontecer. As novas gerações não conhecem as culturas da planície e poucos ouviram falar da Mana-Chica. Fica a possibilidade de quem quiser apreciar sua representação simbólica, que inclusive foi atração na 6ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação, realizada pela Faculdade de Filosofia de Campos, no SESC Mineiro de Grussaí, em 2003, com a coordenação do professor Andral Nunes Tavares, terá que recorrer ao repertório folclórico da Cia. Gente de Teatro, hoje dirigida pela pedagoga Neusimar da Hora, na interpretação do espetáculo “Cantares à Planície – Mana-Chica do Caboio”, baseado no livro de Lamego, que também, perpetua a coreografia do saudoso bailarino Amaury Joviniano.

Das lembranças mais sentidas eleva-se a da morte de “Lameguinho”, ocorrida em 16 de outubro de 1985, no Rio de Janeiro, aos 89 anos de idade. Havia deixado dentre seus escritos que gostaria de ser sepultado no solo sagrado em que nasceu. Na manhã do dia seguinte, o féretro adentra ao Cemitério do Caju acompanhado por um pequeno grupo. A cidade, sem memória, não se lembrava mais e sua geração já tinha ido residir no Itaóca – o Olimpo dos artistas desta urbe. À frente, a figura do jornalista Hervé Salgado Rodrigues. Por certo, por detrás dos ciprestes outras presenças etéreas poderiam ser percebidas. Havia no ar um som plangente de adufos e pandeiros enquanto vozes entoavam a maior de nossas tradições:

Ai vem a Mana-Chica, / Mana-Chica do Caboio / Quem nunca comeu pimenta / não sabe que coisa é mônio. Mana-Chica minha nêga / Chega teu rosto ao meu / Quem te ama quem te adora / Quem gosta de ti sou eu. / Se o sol se tornasse preto / Nunca mais o céu se via / Valem mais que o sol teus olhos / Que são pretos e alumiam. / (...) Eu

vou dar a despedida / “Seu” doutor foi quem pediu / Não quero que o povo diga / Que o cantador não serviu.

Seja como for, o que importa é cada um aceitar a imposição do seu destino. Ele determina o caminho a percorrer. Não se pode parar porque seríamos esmagados pelos que vem atrás de nós. Resta-nos um consolo: cada um de nós é a continuação de uma experiência de vida. Ali está a última linha do horizonte. Depois é o infinito... (Jayme de Barros, “Chão da Vida”, p.539).

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento – Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6a ed. São Paulo: HUCITEC, 1992.

BARROS, Jayme. *Chão da Vida – Memórias*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial Ltda., 1985.

BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação: teoria e metodologia*. São Bernardo do Campo: UESP, 2004.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário Brasileiro do Folclore*. 12ª. ed. São Paulo: Global, 2012.

CHAGAS, Humberto Neto das. *Arquitetura solarenga rural de Campos dos Goytacazes no séc. XIX : uma análise histórica e tipológica*. 2010. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Arte, Vitória, 2010. Disponível em <http://repositorio.ufes.br/handle/10/2075>. Acesso em: 24 ago. 2019.

DUARTE, Newton Perissé. *Escólio do Poema Amantia Verba de Azevedo Cruz*. Rio de Janeiro: Editora APJR, 1998.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2003.

LAMEGO, Alberto Ribeiro. *A Planície do Solar e da Senzala*. Rio de Janeiro: Coleção Fluminense, Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 1996.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

MELO, José Marques. Introdução à Folkcomunicação: gênese, paradigmas e tendências". In: BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação: teoria e metodologia*. São Paulo: UESP/UNESCO: São Paulo, 2004. p.11-24

PAIXÃO, Múcio da. *Movimento Literário em Campos – Notícias sobre alguns poetas e prosadores campistas*. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio, 1924.

PENA, Felipe. *Jornalismo Literário*. Rio de Janeiro: Editora Contexto, 2006.

PENA, Felipe. O jornalismo Literário como gênero e conceito. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29. Brasília, 2006. *Anais do 29º Intercom*. São Paulo: Intercom, 2006. Disponível em <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/77311256385591019479200175658222289602.pdf>. Acesso em 24 ago. 2020.

REALE, Miguel. *Paradigmas da Cultura Contemporânea*. São Paulo: Editora Summus, 1996.

RIBEIRO, Joaquim. *Folclore do açúcar*. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, Departamento de Assuntos Culturais, Fundação Nacional de Arte, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1977.

VEYNE, Paul. Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história. 4ª Ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2008.

VIZEU, Alfredo. A produção de Sentidos no Jornalismo – Da Teoria da Enunciação à Enunciação Jornalística. Revista *FAMECOS*, v. 10, n. 22, p. 107-116. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2003.22.3241> . Acesso em 24 ago. 2020.

ANEXO I: Biografia

Conforme podemos conferir entre as diversas biografias produzidas sobre Lamego, entre elas a produzida pela Escola Municipal de Gestão do Legislativo (EMUGLE)¹⁶, Alberto Ribeiro Lamego nasceu em Campos dos Goytacazes, no dia 09 de abril de 1896 e faleceu no Rio de Janeiro, em 16 de outubro de 1985). Foi um geógrafo, pesquisador e geólogo brasileiro; renomado por seus trabalhos publicados em quatro obras sociogeográficas da série "O Homem e o Meio Ambiente", onde descreve sobre a geologia e a história do estado do Rio de Janeiro, e pelos livros "O Homem e o Brejo", "O Homem e a Restinga", "O Homem e a Guanabara" e "O Homem e a Serra". Por ter o nome quase homônimo ao de seu pai, Alberto Lamego em algumas obras é conhecido como Lamego Filho.

Para os mais íntimos era o "Lameguinho". Seus pais foram o advogado e historiador Alberto Frederico de Moraes Lamego ("Terra Goitacá") e Joaquina Maria do Couto Ribeiro Lamego. Em 1906, acompanha os pais para a Europa, onde faz seu ensino primário no Colégio Jesuíta de Campolide de Lisboa, Portugal. Em 1910,

¹⁶ Disponível em <http://www.camaracampos.rj.gov.br/emugle/noticias-emugle/986-alberto-ribeiro-lamego>. Acesso em 25 ago. 2020.

com a Implantação da República Portuguesa e o fechamento dos colégios religiosos, (encampados pelo Estado), muda-se com a família para a Bélgica.

Concluiu os estudos secundários no Colégio Saint-Michel, de Bruxelas; e ingressa na legendária Universidade Católica de Lovaina, no curso de engenharia de artes, manufatura e minas. Com a invasão da Bélgica pelos alemães na I Guerra Mundial, em 1914-1918, Lamego, com sua família, muda-se para a Inglaterra. Em Londres matricula-se na Royal School of Mines do Imperial College of Science and Technology. Simultaneamente, fez o curso de licenciatura em engenharia na Universidade de Londres.

Retorna ao Brasil com sua família, em 1920, depois da guerra, sendo admitido no Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil (SGMB). Entre 1944 e 1963 publicou quatro livros considerados obras-primas: "O Homem e o Brejo", "O Homem e a Restinga", "O Homem e a Guanabara" e "O Homem e a Serra", todos de aspecto geográfico, histórico, ecológico e social.

Lamego em 1944 publica "A Bacia de Campos na Geologia Litorânea do Petróleo", onde antevê o potencial petrolífero da área. A Petrobrás nunca lhe rendeu as devidas homenagens. Ainda fez, em 1948, a Folha Geológica do Rio de Janeiro. Entre 1951 a 1961, teve funções de diretor de Geologia e Mineralogia do Ministério da Agricultura.

Foi membro da Academia Fluminense de Letras, da Academia Campista de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro, do Instituto Panamericano de Geografia e História, do Instituto Histórico de Petrópolis, da Associação dos Geólogos Brasileiros e da Academia Brasileira de Ciências e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

ANEXO II - OBRAS EDITADAS

- 1 – "O levante de 1748"
- 2 – "A Planície do Solar da Senzala" – 1934. 2º edição – 1996
- 3 – "A Geologia de Niterói na tectônica da Guanabara" – 1945
- 4 – "O Homem e o Brejo" – 1946 – 1ª edição e 2ª edição – 1974
- 5 – "Muxungos e Mocorongo" C. Fl. De Folclore ano IV Nº V- Março/19726
- 6 – "Homem e a Restinga" – 1946 (IBGE)
- 7 – "Homem e a Restinga" – 2ª edição realizada pelo autor – 1974
- 8 – Campos – Capital do estado do Rio de Janeiro" – 1930
- 9 – "Bibliografia (Apontamentos Bibliográfico)" – Editado pelo C. M. de Geografia

- 10 – “Acalanto dos Airises”
- 11 – “O Homem e a Guanabara” (2ª Ed. IBGE) – 1964
- 12 – “O Homem e a Serra” – 1950 – (2ª Ed. IBGE) – 1963
- 13 – “Geologia das Folhas de Campos, São Tomé, Lagoa Feia e Xexé” – 1955
- 14 – “A Bacia de Campos na Geologia Litorânea do Petróleo” – 1944
- 15 – “Folha do Rio de Janeiro” – 1948
- 16 – “Escarpas do Rio de Janeiro” (Serviço Geológico e Mineralógico) Boletim 93-1938
- 17 – “Restingas na Costa do Brasil” (Bol. 96 e Mármore do Muriaé (RJ) Bol. 97) – 1940
- 18 – “Theoria do Protogneis” (Boletim nº 86) – 1937
- 19 – “Revista da Academia Brasileira de Letras” – PJS – Vol. IV- Janeiro/1912
- 20 – “As invasões Francesas no Rio de Janeiro”
- 21 – “Fundação de Atafona e da igreja N. S. da Penha” - (Livreto)
- 22 – “Macaé à luz de documentos inéditos”